

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Editor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.725

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Quinta-feira, 10 de Julho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — das da Atalaia, 116 e 118

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

As «fôrças vivas» servem-se dos políticos para conseguir do Estado um regime de favor que lhes permita enriquecer, esfomeando o país.

AS GRANDES QUESTOES DO MOMENTO

APRECIADAS PELO DR. SR. RAMADA CURTO

Os crimes de Silves e dos Olivais. A polícia que mata e fere e a atitude da imprensa republicana, ontem e hoje
O povo não possui o sentimento católico. A Universidade de Coimbra tem de ser dissolvida porque
se converteu num coio reaccionário. A questão económica. O caso da prata.
A incompetência das fôrças vivas e a subserviência dos políticos. Uma riqueza que é uma ruina
E' preciso sacrificar às necessidades da multidão os interesses ilícitos duma minoria que
amassou uma fortuna que é uma iniquidade!

O dr. sr. Ramada Curto é uma figura marcante da política e das letras, que em quase todos os grandes acontecimentos se tem afirmado. É o rebento de Coimbra, o estudante expulso da Universidade na memorável greve académica de 1907, o audaz demolidor da monarquia cujo processo político fez em rajadas eloquentes, em ironias vingadoras e em sátiros felizes. Mais tarde desfaz a reputação da postica e grotesca cordeleidade do Bernardino Machado, coloca-se em oposição à ditadura de Sidónio Pais e adere ao Partido Socialista após a derrota monárquica de Monsanto. Embora a sua ação política nunca tenha estado de acordo com os nossos ideais e com os nossos métodos de ação, é nesta terra, intelectualmente algum — e com desassombro crítico o momento político e económico. Essa razão nos leva a ouvir aquele que é hoje uma das figuras de maior preponderância no velho partido socialista.

A conversação iniciou-se com os trágicos fusilamentos dos Olivais e com o odioso crime de Silves. Foram estas as primeiras declarações do nosso entrevistado:

O partido socialista não ficou indiferente perante estes acontecimentos. Reclamou um inquérito e pôz à disposição do operariado, para o que fosse necessário, os advogados que nêle estão filiados.

O acontecimento dos Olivais?

O meu companheiro, dr. Amâncio de Alpoim apreciou-as com tal independência e desassombro, discutindo numa festa socialista ali para a Graça, que foi para o governo civil, sob prisão. No dia seguinte, em diante dum auditório numeroso, repetiu as afirmações dele, com o desassombro e independência que me são peculiares.

— A sua opinião?

— Quero mais claro? Não se fez o relatório da autopsia das vítimas, não se abriu um inquérito, não se deu à opinião pública uma única satisfação. Não me repugna, apesar de não ter ouvido nenhuma das testemunhas oculares, aceitar a opinião, bastante generalizada, de que tudo se passou como a *Batalha* referiu.

— O caso de Silves?

— E' para estranhar a indiferença e o sôssegó em que tudo ficou depois desses acontecimentos, mas grado o desenvolvimento da organização operária... A sensibilidade colectiva embotou-se. Parece tudo retrogradado... Pior do que na monarquia! Andei envolvido nas zaragatas republicanas e, nesse tempo, a polícia dava pranchadas e na última extremidade. Hoje a polícia não distribui pranchadas, dispara tiros. Nesse tempo fez-se um grande ruido com as célebres manifestações de 4 de

Maio, porque a polícia disparou alguns tiros, em resposta a uma massa de povo que sobre ela desfechava.

O sr. dr. Ramada Curto, após uma ligeira pausa, continua recordando:

— Uma vez houve tumultos em Cezimbra, fusilaram-se dois pescadores. Foi grande a indignação. A imprensa republicana, apareceu enlutada, tarjada de negro. Rafael Bordalo Pinheiro desenhou na «Paródia» uma página de grande e inspirada beleza: uma varinha, apregoeava, chorando: «*Sardinha de Cezimbra, mortinha da costa!*» Hoje tudo se consente. Até se transformaram polícias em inquisidores sumários e analfabetos!

A conversa derivou para o Congresso Eucarístico, para a parada católica de Braga, a que os jornais afectos emprestaram, em grandes letras o número sensacional de 200.000 pessoas. Irreverente o dr. sr. Ramada Curto, comenta:

— Não me impressionou. Em Portugal, o sentimento católico não existe. Transigindo um pouco, com alguma benevolência, condescendo em afirmar a existência em Portugal dum espécie de paganismo católico. Posso garantir-lhe que se levasse ao Minho a imagem do dr. Afonso Costa, com uma coroa, às três pancadas na cabeça, arranjava-se uma manifestação de assombro! Onde haja festa, seja com a imagem da Mãe de Deus ou do divino dr. Afonso Costa, consegue-se sem dificuldade, uma extraordinária aglomeração humana.

— Não erê, pois, numa esferescência de fé católica?

— Na Páscoa, há muita gente que gosta de sair à rua e comprar amendoas. Vão às igrejas? Pois que vão e com toda a liberdade. Eu mesmo não me importaria de levar a igreja.

— A sua opinião?

— Iria lá se a minha presença não fosse facilmente notada. Eu lhe digo: as igrejas têm lumes, um «cheirinho» a incenso, metem música... E' um espectáculo agradável, melhor mesmo que o dos teatros. Bem interpretado, talvez melhor interpretado e mais barato. Além disso — gratuito!

— As igrejas são quase todas abobadadas assegurando neste tempo de caída uma atmosfera agradável, uma temperatura consoladora... Esta lá tam bem. Como lhe digo, se pudesse, ia por lá, de boa vontade, repeti das vezes. E nestes últimos dias sempre tem feito um calor...

— A tese «Lourdes e a Medicina»?

— Não tem valor nenhum científico. Estou daqui a ver os ares superiores que os lentes tomarão para di-

zer «um bacharel em direito a disentir ciência!» Mas, a tese científicamente, nada vale. Não passa dum mísér apólego do catolicismo milagreiro, de reclame à gruta. Era de esperar que ela aparecesse pois que tinha observado a existência dum pululamento de *Pasteurs de via reduzida*, de admiráveis «coca-bichinhos...» A Universidade, aprovando a tese, veio revelar-nos um perigo...

— ... que...

— ... assume um aspecto de profunda gravidade. Perigo que só medidas violentas podem eliminar.

— A Universidade de Coimbra?

— Tem de ser dissolvida. E' inimiga da república, e o que é pior, nefastamente contrária ao espírito do século. E' um coio de reaccionários que precisa de ser extirpado. Imagine que a maioria dos professores serve fielmente a política ultramontana da igreja, e a maioria dos estudantes está agrupada em instituições notadamente reaccionárias. Amanhã esses «meninos» na *soi-disant* vida prática, aderem à república, são deputados, ministros, e em caso de necessidade, são radicais.

A Faculdade de Letras, está também nas mãos dos reaccionários e ela, como sabe, habilita ao ensino secundário. Depois da aprovação da tese «Lourdes e a Medicina», em que se deu ao milagre foros científicos, só há um caminho a percorrer: dissolvê-la depressa e sem contemplações.

Quanto à embaixada no Vaticano, é bom não esquecer que ela foi instituída pela idílica e nauseante subseviência de Sidónio Pais...

O nosso entrevistado passa a aludir às realidades económicas. Aprecia de passagem, nestes termos, o caso da prata:

— E' uma das maiores *fumisteries* que eu conheço. A venda da prata devia ter-se feito já em 1920 ou em 1923, como medida útil, aproveitando a alta desse metal. Pois as *carpideiras* que querem mais notas fizeram o barulho que todos nós vimos.

— As chamadas «fôrças vivas»?

— Têm a pretensão estulta de governar directamente o país, elas que são compostas, na sua maioria, por pessoas ainda mais incompetentes que os políticos, o que parece incrível...

— Os comerciantes...

— ... descompõem os políticos em abjurgatórias sem gramática, porque tendo-lhes éste feito, servilmente, 99 favores, não podem sob pena de isto ir tudo para o charco, fazer-lhes os 100, e prolongar-lhes a vida fictícia com novas notas.

— Contudo elas inculcam-se capacidades administrativas.

— Esses senhores que dirigem Bancos em crise, que presidem a Companhias que são verdadeiros *pigários*, amanhã entregam as suas próprias fôrças, deixando o Estado de lhes dar servilmente dinheiro, iriam para o fundo como o macaco.

— Trata-se dumha crise geral da indústria, da banca e do comércio?

— Não. Trata-se antes dumha crise necessária, salutar, redentora da economia nacional, de certos comerciantes, de certos comerciantes, de certos industriais e de certos banqueiros.

— Uma indústria...

— ... que vive da pauta e dos cambios...

— ... e uma banca, que vivem da inflação fiduciária e da jogatina cambiária ou morrem ou matam o país.

— Haveria a *chomage*...

— A *chomage* dos trabalhadores, se vier a dar-se — já se está dando — deve ser um encargo obrigado e directo do Estado, como em Inglaterra.

— Mas...

— ... não prolongemos o artifício. Olhe agora o caso dos tecidos de algodão. Essa indústria organizou-se em vista da exportação e do contrabando para Espanha. Os industriais espanhóis protestaram, e Primo de Rivera fez um cordão sanitário na fronteira galega. Acabou-se-lhes a marmelada. E como estão cheios de dinheiro e não querem baixar os preços no mercado interno, já organizaram o *trust* algodoeiro no Porto e os operários trabalham 3 e 4 dias por semanal. Todavia, as pessoas não saíram de Espanha à ordem dos seus felizes donos...

— E que solução pecuniária para se sair deste impasse?

— Provocar a crise. Acabar com esse artificialismo dumha riqueza — que é uma ruina. Com os olhos postos nas necessidades das multidões, sacrificiar impiedosamente os interesses das minorias.

— Esse sacrifício?

— Podia resumir-se em muitos deixarem de ter automóveis, frequentar restaurantes caros, ter amantes dispensiosas... Durmam com suas mulheres, coitadas, que não têm culpa de ser feias!

— Numa fórmula: chamar ao Estado os organismos financeiros da «Nação», intervir no mesmo sentido, naquelas indústrias que representam riqueza, tal como funcionam, representam ruína e iniquidade.

A AMNISTIA ESPANHOLA FOI DAS MAIS AMPLAS QUE SE TEM REGISTRADO NO PAÍS VIZINHO

João Acher, salvo da morte, Mateu e Nicolau sofreram redução nas suas penas, Miguel Unanuno livre do desterro

A notícia da amnistia que o Directorio propôs a Afonso XIII assinou, causou nos meios operários certa sensação. Alguns dezenas de camaradas, condenados à morte uns (como João Acher), destruídos outros como o dr. Pedro Vallina, vieram beneficiar desta amnistia que acaba de ser concedida em Espanha.

Estão salvas algumas vidas, encurtadas algumas penas, siegues algumas lareiras que esperam ansiosamente o regresso dos chefes de família que arrastam a sua dor e a sua miséria no desterro.

Entretanto, se por um lado esta noticia causa alegria em todo o mundo operário e intelectual, tal indignação contra as perseguições a Miguel Unanuno e outros escritores e jornalistas, por outro lado não deserta gratidão, nem simpatias para com Primo de Rivera que longe de pretender assumir uma atitude de justiça, apenas quis com essa amnistia salvar o general Berenguer, condenado há pouco pelos tribunais espanhóis, por ter sido dumha incorreção, simpatia e cobardia tan grandes, em

Marrocos, que permitiu o desastre do

NA ITALIA FASCISTA Sobre o apelo da U.S.O. do Pórt

o operariado daquele

Consultas na Zona Norte

Hoje, pelas 21 horas, na sede da U.S.O. do Pórt, efectua as consultas jurídicas, o advogado deste conselho, sr. Campos Lima, sendo necessário a apresentação da cédula federal a quem pretenda aproveitá-la das mesmas.

...

Um apelo da U.S.O. do Pórt
ao operariado daquela

cidade

Fidalgos batoteiros

ROMA, 9. — Afirma-se que na reunião do directorio do partido fascista realizada brevemente ficará resolvido em definitivo uma nova e larga recomposição ministerial, que se estenderá nas vésperas da reabertura do Parlamento. Entretanto, as oposições trabalham para uma ação comum, admitindo-se a hipótese de constituição dum forte bloco parlamentar, compreendendo socialistas unitários, maximalistas, republicanos, democráticos-sociais e populares, bloco que aspirará a governar dentro dum curto prazo, talvez antes da anulação da recomposição do gabinete de Mussolini.

As igrejas são quase todas abobadadas assegurando neste tempo de caída uma atmosfera agradável, uma temperatura consoladora... Esta lá tam bem. Como lhe digo, se pudesse, ia por lá, de boa vontade, repeti das vezes. E nestes últimos dias sempre tem feito um calor...

— A tese «Lourdes e a Medicina»?

— Não tem valor nenhum científico. Estou daqui a ver os ares superiores que os lentes tomarão para di-

O Sindicalismo e as juntas sindicais

A criação das juntas sindicais judicam, evidentemente, os conselhos e a sua incorporação na organização operária, supõe um objectivo se na sua vigilância e conservação.

Portanto, parece-nos evidente que, socializada a terra, as fábricas, o ensino, os museus, tudo isso deve ficar na posse de toda a colectividade e não de cada classe, que se tornaria privilegiada, sendo susceptível de especular com a sua situação excepcional.

Tudo é de todos. A terra não é apenas do cultivador que a cultiva, mas, igualmente, do consumidor, a que se destinam os seus produtos.

A organização operária e industrial, num país comunista libertário, com efeitos de propriedade socializada, deve, pois, ter estes dois grandes aspectos: um corporativo, para a organização do trabalho e a defesa do trabalhador.

Realizada, a produção é destinada ao consumo, pertence a todos, quanto à sua higiene, métodos de produção, técnica, etc.; outro, patrimonial, da riqueza pública, com os maquinismos, as matérias-primas a serem desperdiçadas, nos

cooperativismo interno.

As prisões encontram cheias de operários sem que haja nenhuma razão forte, um facto importante que o justifica.

Quando se resolverão os governantes portugueses a provar que realmente têm um espírito mais liberal do que os reacionários da monarquia católica

espanhola.

Os factos, porém, são os factos.

No nosso país para se votar uma

A herança Rocha Cabral

Para os leitores fazerem uma pequena ideia da grande fortuna e dos motivos porque não quizeram que fosse vendida em hasta pública

A divagação que, no passado artigo, fiz em torno do requerimento do advogado Manuel Duarte, e no qual o Instituto, por intermédio daquele, vem a inventar pedir a declaração do despacho, ordenando a venda em hasta pública, é para a hipótese de admitirmos que o advogado tinha qualquer sombra de legitimidade; que o Instituto tinha existência legal, e havia sido fundado pelo testador nas disposições da sua última vontade.

Mas, de facto, e como já demonstrei sobejamente, o testador não fundou o Instituto, nem nomeou administrador, mas deixou os remanescentes à colectividade para que o fundasse, encarregando da instalação o dr. Ferreira de Mira.

Além disto, é bom frizá-lo—o advogado dr. Manuel Duarte não tinha legitimidade para ir ao inventário, defender o Instituto, que ainda não tinha capacidade jurídica.

De toda a tática desenvolvida pelo Instituto resultou que os bens lhe foram entregues. Era este o seu fim.

Para que o público possa fazer uma ideia aproximada da imensa fortuna desse benemérito testador, passamos a transcrever o arranjo de bens: Depósito no Banco de Lisboa: Açores, 28.274,28; idem, 79.251,90; idem, 414.706,44; idem, 785.865; idem, 2.292,84; idem, na Casa Santos & Viana, 2.713,21; idem, Banco Nacional Ultramarino, 36.308,22. Um bilhete de tesouro, 60.000,00; idem, 20.000,00; idem, 10.000,00; idem, 10.000,00; idem, 6.000,00; idem, 4.000,00; Libras d'Emprestimo Uruguai, de 3,5%, 9.000; idem, Baia de "Funding", 1.080; idem, Treasury Bills, 510; idem, (ao portador), 6.000; idem, Brasil Fundig, 30.000; idem, Pará, 2.000; idem, 8.000; idem, São Paulo, 2.000, icem Rio de Janeiro, 2.000; idem, Brasil Fundig, 5.000; idem, Pará, 2.280, idem Uruguay, 5.400; idem, Emprestimo Argentina, 2.980; idem Chile, 1.000; idem Argentina, 2.500; dólares, Emprestimo de Cuba, ao portador, \$18.000.

Uma avaliação curiosa de bens móveis, que convém analisar para ver-se quanto se impõe a venda em hasta pública. Um bilhar com seus pertences, 260,00; Uma secretária, cadeira, duas estantes, oito cadeiras e um campe, tudo em carvalho (passim), 260,00; Uma mesa de carvalho, 58,00; 1 relógio de parede, 58,00; 2 barómetros de termômetro, 58,00; 2 quadros em madeira, (Cândido e Vitor Hugo), 180,00; 2 painéis, 10,00; uma esfera terrestre, 58,00. Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Um busto de 2 figuras de porcelana, 10,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

Uma coluna de bronze, 418,00; 1 pote de metal sobre uma peanha de madeira, 16,00; uma figura de metal sobre uma peanha, 31,00; 1 candeeiro de suspensão para electricidade, 418,00; 1 candeeiro de secretária, electricidade, 16,00; 1 braço para gás, 38,00; uma placa com duas lampadas para electricidade, 38,00; 2 peanhas com duas figuras de loiça, 11,00; 3 repositórios, cinco saquias, 2 pares de bambinhas de seda, 300,00; um candeeiro de latão, 21,00.

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre e refletindo no que se lê.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Publicações sociológicas

	Pelo correio	Pelo correio
Organização Socialista — Instituto — A Rússia — 1917-1918 — 1923	5000 1000	5000 1000
Antonelli — 1923	2400 1000	2400 1000
A Comuna: A maçonaria e o proletariado — Porquê o creio em Deus? — O proletariado — 1923	8000 1000	8000 1000
Brilhante — A greve geral — 1923	8000 1000	8000 1000
Acuadine — No sentido em que somos anarquistas — 1923	8000 1000	8000 1000
Carlos Ribeiro — 1923	8000 1000	8000 1000
Proletariado — Porque não devo ser Deus? — 1923	8000 1000	8000 1000
Obreiro — Como não ser anarquista — 1923	8000 1000	8000 1000
Dr. Alberto — O amor livre — 1923	8000 1000	8000 1000
Monteiro — Contra o colonialismo — 1923	8000 1000	8000 1000
Lázaro — O espirito revolucionário — 1923	8000 1000	8000 1000
N. Lénine — Os Problemas do Poder dos Soviéticos — 1923	8000 1000	8000 1000
Landaun — A Democracia da Ásia — 1923	8000 1000	8000 1000
Manuel Ribeiro — No limite das forças — 1923	8000 1000	8000 1000
Marx — O Capital — 1923	8000 1000	8000 1000
Nost — A Peste Religiosa — 1923	8000 1000	8000 1000
Nietzsche — O Cristo — 1923	8000 1000	8000 1000
Genocídio da morte — 1923	8000 1000	8000 1000
Nuno Vasco — Ao Transalpino — 1923	8000 1000	8000 1000
Concepção Anarquista do Socialismo — 1923	8000 1000	8000 1000
Alvarez — O socialismo — 1923	8000 1000	8000 1000
Monteiro — A entusiasmo — 1923	8000 1000	8000 1000
Padua e Pouget — Como faremos a revolução — 1923	8000 1000	8000 1000
Perito — O socialismo — 1923	8000 1000	8000 1000
Prata — Necessidade de um socialismo — 1923	8000 1000	8000 1000
Roland — A Rússia Nova — 1923	8000 1000	8000 1000
Rossi — A sugestão das mudanças — 1923	8000 1000	8000 1000
Sebastião Fausto — O progresso — 1923	8000 1000	8000 1000
Tomás da Fonseca — Semides — 1923	8000 1000	8000 1000
Tomás da Fonseca — Semides — 1923	8000 1000	8000 1000
A Língua Socialista — 1923	8000 1000	8000 1000

individual das suas ações, quando assim o desejem.

Síntese

O sócio nas condições do n.º anterior, quando à Cooperativa não conveia fazer a liquidação, pode transmitir suas ações a outro sócio, fazendo-se, com intervenção da Direção, os lançamentos nos respectivos registos e documentos.

Art. 8.

O sócio que destruir a Sociedade que a desacreditar ou a insultar ou aos seus corpos gerentes, poderá ser eliminado pela Assembleia Geral, depois de esta, nesse sentido ter sido pronunciado em face do relatório que uma comissão de 3 sócios eleita pela Assembleia Geral Extraordinária fica com o encargo de apresentar, ressalvando-se ainda o direito da Cooperativa chamar ao Tribunal o sócio que incorrer em tais faltas.

Art. 8.

O sócio que destruir a Sociedade que a desacreditar ou a insultar ou aos seus corpos gerentes, poderá ser eliminado pela Assembleia Geral, depois de esta, nesse sentido ter sido pronunciado em face do relatório que uma comissão de 3 sócios eleita pela Assembleia Geral Extraordinária fica com o encargo de apresentar, ressalvando-se ainda o direito da Cooperativa chamar ao Tribunal o sócio que incorrer em tais faltas.

Art. 9.

O sócio que for eliminado nos termos do art. 8.º, receberá o seu capital com o desconto de 50 %, sem prejuízo de qualquer outra responsabilidade que lhe caiba.

Art. 10.

O capital individual, dividendo e bônus dos sócios falecidos, reverterão a favor do capital colectivo, se não forem reclamados no prazo de 5 anos, contados da data da publicação do respectivo anúncio no Diário do Governo ou do aviso fixado na sede da Cooperativa.

S. 1.

Na falta de habilitação ou declaração legal, a justificação de herdeiros far-se-á pelo testemunho escrito de 3 sócios no gozo pleno dos seus direitos, se não houver disposição legal e justificada durante 30 dias após a fixação do correspondente aviso na sede da Cooperativa.

S. 2.

Cumprido o disposto no S. anterior, e não havendo oposição legal, far-se-á logo a liquidação, tendo em consideração o disposto no S. 2.º do art. 9.º.

S. 3.

O termo de liquidação será escrito no livro ou registo do capital individual e assinado pelos herdeiros com a assinatura da direção da Cooperativa.

Art. 11.

O capital individual, dividendo e bônus dos sócios falecidos, reverterão a favor do capital colectivo, se não forem reclamados no prazo de 5 anos, contados da data da publicação do respectivo anúncio no Diário do Governo ou do aviso fixado na sede da Cooperativa.

S. 1.

A Assembleia Geral reúne ordinariamente dentro do 1.º trimestre de cada ano para apresentação, discussão e votação do relatório e contas da Direção e parecer do Conselho Fiscal, e para a eleição dos novos corpos gerentes, e reúne extraordinariamente todas as vezes que seja necessário.

Art. 31.

O sócio consumidor de pão deve inscrever-se na sede da Cooperativa designando o seu consumo diário. a) As alterações no consumo diário de pão, serão comunicadas pelo sócio à véspera, na sede da Cooperativa. b) O pão requisitado ou o que couber, em regra, por falta de farinha, e que não seja retirado dentro de 48 horas, será debitado ao sócio, que o requisitou, sendo-lhe creditado o produto dessa veda. c) O saldo devedor, como na alínea b), não liquidado no prazo de 8 dias, será amortizado pelo capital individual do respectivo sócio.

Art. 4.

A Cooperativa poderá emitir obrigações nominativas por proposta aprovada em assembleia geral especialmente convocada para esse fim.

Síntese

Estes títulos vencerão o juro anual máximo de 6 % e a sua emissão, transmissão e amortização, far-se-á nos termos prescritos no Código Comercial.

6.

Os sócios têm direitos:

R. Diário de Notícias, 75 (ao lado da antiga farmácia Jara)

A requererem a liquidação do capital

SEÇÃO DE LIVRARIA DE "A BATALHA"

LISBOA — Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º — PORTUGAL

Além das obras anunciamos, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colônias e estrangeiro, mediante remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 5 quilos 5\$00, pacotes até 2 quilos 3\$15

cada 50 gramas, e mais \$40 para registo em cada pacote. Ilhas — Encomendas postais, 6 quilos 6\$00, Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos 5\$50. América do Norte — Pacotes até 5 quilos, 6\$50.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

Um revolucionário que não é como um barco sem piloto.

Eduquemo-nos, e instruam-nos antes de prendermos, educar e ensinar os outros.

O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

	Pelo correio	Pelo correio	Pelo correio
Trotsky — Constituição Política da República da Soviética	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Monteiro Lobo — Imaculada	7000 7000	7000 7000	7000 7000
Revolução da morte	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Associados da União Soviética	5000 5000	5000 5000	5000 5000
O idealismo e o materialismo	5000 5000	5000 5000	5000 5000
João Bonança — O Secreto e o Círculo	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Alexandre Herculano	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Adolfo Lima — Contrato de Trabalho	5000 5000	5000 5000	5000 5000
O Monge de Cister (2 volumes)	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Lendas e Narrativas (2 volumes)	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Flammarion — Iniciação Filosófica	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Faria de Vasconcelos — Problemas Escolares	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Justus Eisert — O L. W. — 1900	5000 5000	5000 5000	5000 5000
O Dilema — O seu papel histórico	5000 5000	5000 5000	5000 5000
João Bonança — A Liberdade	5000 5000	5000 5000	5000 5000
N. Lénine — Os Problemas do Poder dos Soviéticos	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Landauer — A Democracia da Ásia	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Padua e Pouget — Como faremos a revolução	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Perito — O socialismo	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Prata — Necessidade de um socialismo	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Roland — A Rússia Nova	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Rossi — A sugestão das mudanças	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Sebastião Fausto — O progresso	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Tomás da Fonseca — Semides	5000 5000	5000 5000	5000 5000
Tomás da Fonseca — Semides	5000 5000	5000 5000	5000 5000
A Língua Socialista	5000 5000	5000 5000	5000 5000

PROBLEMA DE MÁQUINAS

MANUAIS DE OFÍCIOS

FABRICANTE DE TECIDOS

POSSAKALENDARET — 1923

STRANGA HEREDAJ

PILOTAGEM

CONSTRUÇÃO CIVIL

ACABAMENTOS DE CONSTRUÇÕES

ALVENARIA E CANTARIA

EDIFICAÇÕES

ENCALHAMENTOS E SALUBRIDADE DAS HABITAÇÕES

TERRAPLANAGEM E ALVICERES

TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL

DIVERSAS INDÚSTRIAS

INDÚSTRIA ALIMENTAR

INDÚSTRIA DO VIDRO

MIL E UM SEGREDO DAS OFICINAS (BROCHADO)

###